

OS MESTRES E O TEMPO PEDAGÓGICO

THE TEACHERS AND THE PEDAGOGIC TIME

DÉLCIA ENRICONE*

RESUMO

São várias as reflexões sobre o tempo. Neste escrito, relacionamos passado, presente e futuro e identificamos as características do tempo pedagógico. Consideramos dois conceitos de tempo: cronológico (*chrónos*) e vivo (*kairós*). A tarefa de educação dos mestres repousa sobre concepções pessoais e sociais do futuro e este remete à esperança. O presente, o passado e o futuro aparecem na identificação do que existe e na preparação de inovações. Quando a educação poderá ser a realização da esperança no futuro? Quando considerar o educando sujeito de seu projeto pessoal de auto-realização; aceitar uma nova definição de homem, partindo de suas possibilidades, além de suas realidades; desenvolver uma percepção inquisidora, o pensamento crítico e a imaginação criadora; admitir que é sua obrigação transformar o mundo; cultivar emoções e sentimentos além de cognições; promover a ação comprometida do homem em busca da transcendência; superar a passividade receptiva, convertendo em presente o futuro esperado.

Palavras-chave: Tempo pedagógico; Educação; Futuro; Esperança.

ABSTRAT

*There are many reflections about the time. In this work the past, present and future are related, and also the characteristics of the Pedagogic Time are identified. Two concepts of time are considered: chronological (*chronos*) and life time (*kairós*). The teacher's educational tasks are based over personal and social conceptions about the future, and it refers to hope. Present, past and future appear in identification from what exists and in the preparation of innovations. When can the education turn to the hoping future realization? When the educator shall be consider the subject of personal project of its own realization; accepting a new definition of humanity, leaving from its possibilities, besides its realities; developing a inquisitore perception, the critical mind and the creating imagination; admitting the obligation of transforming the world; keeping emotions and feelings besides cognitions; promoting humanity's committed actions searching for transcendence; overcoming the receptive passivity, turning in present the wished future.*

Keywords: Pedagogic Time; Education; Future; Hope.

* Doutora em Educação, Assessora do Instituto MC de Educação Social.

INTRODUÇÃO

Nas reflexões que seguem, adotamos a idéia de um beduíno do século V a respeito das dimensões do tempo. “Os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas presentes e presente das coisas futuras” (FULLAT, 1990, p. 186). Isto é, partir do presente, considerar o passado e pensar o futuro.

Assmann (2001), ao analisar o Tempo Pedagógico: *chrónos* e *kairós* na sociedade aprendente (p. 189-237), reconhece a atualidade e a complexidade do tempo. No grego bíblico, havia uma distinção entre o tempo cronológico, *Chrónos*, e o tempo vivo, tempo da graça, subjetivo, vivencial *Kairós*: O “tempo pedagógico é o tempo dedicado a produzir vivências do prazer de estar aprendendo” (p. 232). Ao se referir à dimensão temporal do processo de aprendizagem, lista a pluralidade de tempos que estão em jogo, além dos usuais como o horário escolar, tempo de leitura, tempo de estudo... tempo de auto-expressão construtiva, tempo de gestos e interações, tempo de dizer sim à vida, tempo de organizar esperanças.

Dentre as múltiplas temporalidades pedagógicas listadas por Assmann (2001), escolhemos a que diz respeito à esperança, um assunto amplo que teve variações ao longo das idades da história e dentro do mundo de cada um.

O conceito de tempo tem sido um enigma e estudado desde a Antiguidade. Aristóteles já reconheceu seu lado subjetivo. Temos, às vezes, dificuldades de conjugar os três tempos do verbo, pois o presente do agora já é momento passado. Um dos legados do passado é a conexão entre ciência e humanismo.

Algumas perguntas introduzem o tema proposto em relação ao tempo presente: É possível alguém não ser do seu tempo? Não, se considerarmos que o indivíduo é um ser datado. Tem ao nascer uma data e sucessivamente outras, significativas, são registradas até uma última final. Sim, se o indivíduo não vive de acordo com as características de seu tempo e no seu espaço. Como essas características são abrangentes e complexas, o indivíduo corre o risco de não identificá-las. Poderia ser chamado de alienado em relação ao seu ambiente, pelo menos no que diz respeito ao desconhecimento de algumas das características.

Em um artigo intitulado “Educação: Realização da Esperança no Futuro” (1990), tecemos relações entre os três conceitos básicos: educação, esperança e futuro. O tema continua atual e, então, é veiculado como ponto de partida, ampliando as reflexões na perspectiva no tempo pedagógico. Que estamos fazendo no presente?

Pode haver uma resposta relacionada ao acaso, ao determinismo, mas, para a maioria, há uma decisão livre de preencher este momento com uma leitura desafiadora.

Ortega y Gasset, referindo-se ao homem que não procura as razões de seu agir, diz: “Em Espanha, chamamos-lhe Vicente que vai aonde vai toda a gente” (1966, p. 111):

A opção é mais séria se considerarmos o valor de nosso tempo. As horas de nossas vidas são contadas e seu emprego precisa ser pensado. É do educador Horace Mann a frase: ‘Perdeu-se ontem, em algum momento entre o nascer e o pôr-do-sol, duas horas douradas, cada uma adornada com sessenta minutos diamantinos. Não se oferece nenhuma recompensa, porque se foram para sempre’ (1972, p. 38).

A importância do tempo para a pessoa se manifesta no teor da resposta dada à pergunta sobre o porquê age de determinado modo. Na decisão que envolve o emprego do tempo, estão as duas dimensões fatídicas que compõem a “vida do homem que é, em cada momento, uma equação entre o passado e o futuro” (ORTEGA y GASSET, 1966, p. 111).

Ao tratar do presente e do futuro, a palavra inovação é o destaque. Como refere Carbonell: “a inovação é o resultado de um sábio e frágil equilíbrio entre o saber acumulado coletivamente e a necessidade permanente de repensá-la”. E acrescenta que é preciso “ter um olho muito atento à realidade e outro voltado para a utopia” (2002, p. 82).

A iniciativa de inovação tem dois aspectos. Um é motivacional e envolve o início das ações, exige coragem para reformar, para divergir. O outro é cognitivo e envolve a capacidade de descobrir novos modos de agir. Logo, procurar inovações é uma necessidade no mundo em constantes mudanças, substituindo-se a noção de continuidade pela de mobilidade. Zaragoza (1990) destaca ser imprescindível uma colaboração efetiva dos jovens para a realização de mudanças. Nessa direção de valorização da juventude, cita “a milonga dos Pampas: pude ensinar-te a voar, mas não seguir o teu vôo” (p. 28). Não é possível nos dirigirmos a novos horizontes sem os jovens que devem ser melhores do que nós, participando da previsão científica do futuro que passa pelo planejamento adequado do presente.

Nesse sentido, Zaragoza (1990) acrescenta: “a ciência já não é mais um conjunto de verdades assim como a técnica não é mais um conjunto de instrumentos à mão, mas sim um processo constante, um processo criativo” (p. 183).

É tarefa do presente avaliar as necessidades atuais e as condições mais evidentes de demandas futuras, a qual envolve uma visão histórica e consciente do nosso momento científico-social e sua ressignificação.

Patrício (2002) cita a abertura de “Os quartos quartetos”, de Thomas S. Elliot: “O tempo passado e o tempo presente; fazem todos parte do tempo futuro”. Essa idéia se refere à unidade do tempo:

O tempo presente foi futuro, antes de ser o tempo que foi, para o tempo passado. O tempo presente tornou-se passado quando o tempo futuro se tomou presente. Quando um tempo se instala desinstala outro tempo (p. 124).

Ainda que a prospectiva tenha atualmente sua maior importância, não significa que o homem não tivesse preocupação com seu futuro. Mesmo os seres primitivos trabalhavam, para o agora e para o depois. A inquietação pelo amanhã é inerente à natureza humana e está enraizada em sua racionalidade. Existe desde que o homem é consciente da sua temporalidade. Garrido (1979) cita Spengler, para estabelecer a diferença entre as concepções primitiva e atual de futuro: “o espírito antigo com seus oráculos e augures, queria saber o futuro, o espírito ocidental quer criar o futuro” (p. 14).

Enquanto os animais agem para sobreviver, o homem busca sentido para aquilo que faz. Ele cria cultura, é um protagonista histórico. Montaigne dizia que o “homem é uma realidade ondulante e diversa”. Para os teólogos da Idade Média, ele está sempre a caminho, *in via* (ORTEGA y GASSET, 1966, p. 105) ou, conforme Gabriel Marcel, é o *homo viator*. “Eis-nos, portanto, levados a definir o homem como um ser cuja realidade primária e decisiva consiste em se ocupar do seu futuro” (idem, p. 114).

Podemos considerar o passado do homem como um bem, um tesouro, uma experiência, uma recordação, porém, sempre matéria-prima indispensável que permite fazer da vida uma operação que se realiza para o futuro.

Há algumas décadas, era mais fácil projetar o futuro. Hoje, com a aceleração vertiginosa das mudanças, a possibilidade de refletir sobre o futuro exige maior conhecimento cultural. Para algumas pessoas, viver apenas o presente pode resultar da relativa impossibilidade material e cultural de pensar além de certo prazo.

Pensadores e filósofos que apresentaram suas alternativas sobre a organização social através de utopias, faziam-no, destacando os contrastes críticos com a realidade de seu tempo. Quase sempre, nas três formas premonitórias mais relevantes: profecia, mito e utopia, aparece uma intencionalidade educativa. Destaca-se a importância sensibilizadora das previsões de Aldous Huxley – **Admirável Mundo Novo** –, sobre o perigo de uma civilização ultratécnica ou a intencionalidade educativa evidenciada na República Platônica ou em Walden II, de Skinner.

Necessitamos de uma civilização prospectiva e não obstinadamente retrospectiva, pois o futuro não está fatalmente orientado.

É verdade que, se a imagem do futuro está condicionada por nossas próprias experiências, por nosso passado particular, ela é indecisa, aleatória, refere-se ao que ainda não é, ao que há de vir. Com Ortega y Gasset (1966), podemos considerar o futuro uma coisa incerta, indócil que exige “contato tenaz com a insegurança de que somos construídos” (p. 114). Podemos, porém, acrescentar que é possível a conquista do futuro e que existem futuros melhores ou piores. A Educação seria inoperante se só pudesse se amoldar ao novo mundo futuro.

Assim, cabe ao homem buscar o futuro, construí-lo e como criador de sua história não está determinado pelas possibilidades inscritas na situação atual, mas aberto a múltiplas dimensões, reagindo contra a inércia, fugindo da alienação. É preciso aceitar o risco de não se limitar ao momento presente, de não agir com fundamento no desejo egoísta e no mecanismo econômico. Afinal, Paul Ricoeur já lembrava que “na vida tudo sempre está em risco”.

Neste ponto, é imperioso pensar na esperança, pois um futuro sem ela é sempre destrutivo e trágico.

Aristóteles já apresentara uma definição de esperança: “o sonho de um homem em vigília”, na qual se distinguem as aspirações e a realidade.

Furter (1966) registra que esperança não é otimismo, porque este não vê as dificuldades da realidade ou espera, ingenuamente, um nem sempre possível final feliz. “Enquanto o otimismo é uma opinião sobre o sentido da vida, a esperança é uma maneira de viver a vida” (p. 99) que não ignora os riscos e os fracassos.

Tanto na filosofia quanto na cultura, a esperança é um dos temas mais estudados na atualidade. Para Furter (1966, p. 98-102), a esperança:

- nasce da tomada de consciência de nossas carências (p. 98);
- se apresenta como uma virtude, isto é, como uma construção da consciência moral (p. 98);
- por ser profundamente humana tem uma dimensão afetiva, porque é ligada à reflexão e tem também uma dimensão cognitiva (p. 101);
- é uma promessa de significação para a nossa existência (p. 99).

Portanto, podemos concluir que toda a esperança – tanto a teológica quanto a natural – é uma tensão em direção ao futuro, é um movimento para que o homem se lance para a frente em direção ao que falta, mas é possível.

A esperança é um valor se considerarmos valioso tudo o que contribui para favorecer a vida e desenvolver as faculdades do homem.

As idéias de inovação, plantadas em pessoas ou grupos convictos de que o mundo é transformável, conduzem à ação responsável e, quando originais, importantes e necessárias, fazem a realidade. É impossível empreender sem esperar.

Os autores como Roger Garaudy, Erich Fromm, Gabriel Marcel, Henri Desroche, ao lado de outros pensadores com tendências ideológicas diferentes e empregando linguagens e argumentos diversos, puseram em relevo a necessidade mobilizadora da esperança, para construir um futuro que aparece como impossível para quem não a tem. A incapacidade de planejar para a vida revela nossa desesperança:

Uma esperança que, por ser eminentemente humana e humanizadora, eleger a prioridade educativa como sua aliada incontornável na edificação de uma nova ordem societal onde todos contam e cada um possa ser capacitado para participar ativamente num processo de desenvolvimento que, para o ser, recupera a centralidade da pessoa na sua mais plena e inviolável dignidade (CARNEIRO, 1996, p. 195).

Agora, é preciso estabelecer relações, pois uma educação sem esperança é, conseqüentemente, uma educação sem futuro. Desde a mais

remota antigüidade, a educação sempre aparece como inerente às sociedades humanas. Não se questiona a existência da educação que continuará evidente, enquanto houver seres educáveis. Não se questiona a função transmissora da herança cultural. Houve, sem dúvida, e há hoje, a transmissão dos bens culturais, produzidos no passado e dignos de serem conservados no presente e legados às gerações futuras. Mas, ao lado de valores inegáveis e indiscutíveis, por inércia, incompetência ou tendenciosidade, permaneceu percentagem de pseudocultura ou ganga cultural. Será que a educação atual tem capacidade de transformação que lhe permita acompanhar a aceleração das mudanças sociais, políticas e econômicas?

Nós sustentamos a tese de que ambos os processos terão de ocorrer pela inter-relação e dependência que guardam entre si. Nem um novo homem sem a mudança das estruturas sociais, nem a mudança das estruturas sociais sem a formação do homem pretendido por essa sociedade (GUTIÉRREZ, 1988, p. 47).

Então, como educar pessoas de acordo com suas novas necessidades, com suas novas esperanças? O fato de o homem mudar é imutável. Santo Tomás de Aquino já dissera que só é imutável a mutabilidade. Na atual conjuntura mundial, surgiram novas linhas pedagógicas. Apareceram, também, tensões, conflitos e contradições entre as alternativas propostas. As polêmicas pedagógicas se acentuaram e grandes debates nacionais e internacionais se realizam, sobre diferentes tendências que se apóiam em critérios filosóficos e morais diversos. Sejam quais forem as divergências,

porém, existe a crença de que mudanças são necessárias e devem estar teleologicamente orientadas.

A educação, por incompleta que seja, traz dentro de si no presente a semente do passado e a sede de por vir, de futuro.

Toffler (1994) refere-se às relações entre a educação e às dimensões temporais, concluindo que hoje não se ensina o aluno a situar-se adequadamente no tempo. Ele orienta-se no espaço ou na história passada de seu país e do mundo. “Depois se oferece uma vaga visão do presente. Depois o tempo se detém. A escola permanece muda ante o futuro” (p. 470). Faltaria, portanto, a consciência do futuro. Para Toffler, trata-se de criar o futuro e não de prepará-lo.

A educação ideal é a que consegue relacionar as três dimensões do tempo, sendo necessária uma interação dialética entre elas.

Se a educação centrar-se no passado, haverá estagnação e facilitar-se-á a permanência do conservadorismo. Aliás, coube à Escola Nova pôr em relevo lacunas da Escola Tradicional. Se a experiência histórica anterior, se as peculiaridades físicas e espirituais de cada povo forem aproveitadas, o presente se enriquece.

A educação centrada no presente facilita viver a vida atual, mas considera as necessidades imediatas do momento somente. Não se pretende uma escola preparadora do futuro que sacrifique o presente da vida do educando, pois nada educa mais do que um presente cheio de sentido e plenamente vivido e a compreensão e atuação sobre a realidade preparam um futuro atuante.

A educação deveria tomar por base:

- o anseio de obter melhores condições de vida para a humanidade;
- a obrigação moral de discordar de situações que precisam ser alteradas;
- a convicção de que, de algum modo, é possível afetar o curso do tempo;
- a capacidade da pessoa de redirecionar o curso da trajetória de sua vida;
- o reconhecimento de que há uma longa caminhada para nivelar tantos desníveis;
- a possibilidade de modificar o centro de gravidade da dependência para a liberdade responsável;
- a alteração da idéia de progresso baseada em termos puramente econômicos para uma integração em termos culturais.

Quando a educação poderá ser a realização da esperança no futuro?

Quando:

- considerar o educando sujeito de seu projeto pessoal de auto-realização;
- aceitar uma nova definição de homem, partindo de suas possibilidades, além de suas realidades;
- desenvolver uma percepção inquisidora, o pensamento crítico e a imaginação criadora;
- admitir que é sua obrigação transformar o mundo;
- cultivar emoções e sentimentos além de cognições;
- promover a ação comprometida do homem em busca da transcendência;
- superar a passividade receptiva, convertendo em presente o futuro esperado.

A tarefa de educação dos mestres repousa sobre concepções pessoais e sociais do futuro. Todas estas considerações sobre educação

fazem refletir sobre a formação dos docentes para atuarem “tendo vivências do prazer de estar aprendendo” (ASSMANN, 2001, p. 232) e proporcionando-as aos seus alunos.

Como afirma Moraes (2004), precisamos vislumbrar no horizonte novos modelos e paradigmas científicos, pois são necessárias “teorias mais eficientes que despertem o prazer na práxis docente, no mesmo tempo que colaboram no processo de construção do conhecimento discente” (p. 231). A esperança em educação envolve um processo de ensino-aprendizagem que inclua: mudança, complexidade, criatividade, curiosidade, confiança, criticidade, cultivo de novos valores, incerteza, diálogo, reconstrução de situações didáticas, epistemologia dos saberes, articulação entre teoria e prática, interação, ética, uso de novas tecnologias da informação e da comunicação, competência, pesquisa, autonomia, profissionalidade, metacognição, interdisciplinaridade, novos conteúdos, flexibilidade, contextualização, resiliência... Certamente tudo isso e ainda mais.

É, no presente, que se articula a transição entre o passado e o futuro, entre os conhecimentos anteriores e o que desejamos. As experiências ótimas de aprendizagem devem envolver “sensações de prazer, de inteireza, de plenitude de vida e esperança” (MORAES, 2004, p. 98).

Zabalza (2004) coloca cinco questões sobre a formação de professores universitários: sentido e relevância da formação (para quê?); conteúdo (o quê?); destinatários (para quem?); agentes (quem?); e organização (que modelos e metodologia?) (p. 146). Esses desafios têm sido enfrentados de modos diferentes ao longo dos tempos e são por ele

sintetizados em cinco no presente: passagem de uma docência baseada no ensino para a docência baseada na aprendizagem; incorporação de novas tecnologias; estágio prático; flexibilização do currículo universitário; busca da qualidade através da revisão das práticas docentes (p.169-180). Ainda que a ênfase seja para o presente, o passado e o futuro aparecem na identificação do que existe e na preparação de inovações.

Sejamos ou não cristãos, a fé é a força transformadora que fundamenta nossa esperança. Alves diz que “a esperança consiste em ouvir-se a melodia do futuro”. E aconselha: “os ritmos do futuro contêm promessas de liberdade, de amor e de vida. E vale a pena arriscar, mesmo se perdermos tudo” (ALVES, 1986, p. 187).

“Educar na esperança é fundamentar a educação na transcendência do homem, nos valores de seu espírito, em sua interioridade, em sua consciência” (GUTIÉRREZ, 1988, p. 124).

Enfim, os mestres, para viverem o seu tempo pedagógico, precisam partir da concepção crítica da realidade social em uma perspectiva dialética e transformadora, questionar valores, analisar o universo como um todo e descobrir o que podem fazer para que seu tempo não seja somente *Chrónos* e sim *Kairós*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A gestão do futuro**. Campinas: Papirus, 1986.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar**: a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARNEIRO, Roberto. Educação e comunidades humanas revivificadas. In: DELORS, Jacques (Rel.). **Educação**: um tesouro a descobrir. 2. ed. Lisboa: UNESCO, 1996, p. 193-196.

ENRICONE, Délcia. Educação: realização da esperança no futuro. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, ano XIII, n. 18, p. 47-57, 1990.

FULLAT, Octavi. **Viaje inacabado**/La Axiología Educativa en la Postmodernidad. Barcelona: Edicions C.E.A.C., 1990.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Petrópolis: Vozes, 1966.

GARRIDO, José Luis Garcia; JUBERO, Pedro Fontán. **Pedagogia prospectiva**. Zaragoza: Editorial Luis Vives, 1979.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como práxis política**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MANN, Horace. **La crisis de la educación**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. O passado e o futuro do homem atual. In: GRIAULE, Marcel et al. **O conhecimento do homem no século XX**. Lisboa: Europa-América, 1966.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. Ontem, hoje, amanhã: a unidade criadora do tempo nos ofícios da profissão. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n. 4, p. 124-126, 2002.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1994.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZARAGOZA, Federico Mayor. **Amanhã sempre é tarde**. Rio de Janeiro: EFGV, 1990.